

CRUZEIRO

ONDE MORA ANA MARIA DOS SANTOS ANDRADE

2006

1975

O antigo "cemitério", assim chamado por causa do isolamento, é abrigo do samba e da amizade

Daniel Ferreira/CB/15.4.06



Aqui não existe solidão

DANIELLE ROMANUI
DA EQUIPE DO CORREIO

Se perguntarem a Ana Maria dos Santos Andrade o que ela mais quer na vida, a resposta vai vir rápida. Continuar morando no Cruzeiro Velho, cidade que adotou há 36 anos e que considera sua pátria. "Amo o Cruzeiro de coração. É o melhor lugar do mundo para alguém morar. É calmo, tranquilo, os vizinhos são gente boa. É como se fosse uma grande família", diz a dona-de-casa, que criou os sete filhos na cidade, e que gostaria que os dez netos e cinco bisnetos também crescessem nos arredores da Quadra 6, onde construiu sua vida. O Cruzeiro Velho abriga outras 1.889 residências como a dela.

Criado em 30 de novembro de 1959, e atualmente com uma população estimada em 61,3 mil habitantes, o Cruzeiro é realmente uma ilha de tranquilidade, seja pelos padrões do Distrito Federal quanto pelos nacionais. "Não existem estatísticas precisas a respeito, mas os índices locais estão entre os mais baixos do Distrito Federal", diz Helder Rocha Barbosa, presidente do Conselho de Segurança do Cruzeiro.

Com sete filhos criados na cidade, Ana Maria está cansada de saber que o local pode ser considerado uma ilha de paz. "É um sossego, temos uma excelente qualidade de vida", diz a mãezona, que mesmo com pouco dinheiro pode educar toda a prole em escolas públicas do Cruzeiro. "Eles fizeram desde o jardim até o segundo grau e, graças a Deus, nunca pagamos nada pela educação deles". Hoje, a Região Administrativa conta com oito escolas públicas e 6.783 alunos matriculados.

Vaidosa, aos 62 anos Donana, como é chamada na comunidade, tem fama de alto astral, de alegre, boa amiga e vizinha nota 10. Sergipana de Aracaju, chegou a Brasília há 41 anos, seis depois da inauguração do Cruzeiro, que foi criado em 30 de novembro de 1959, e que no começo era conhecido como Cemitério, devido ao formato e a cor das casas.

Mas até encontrar o lugar que considera sua verdadeira casa, Donana passou por dúvidas, medo e insegurança. "Morava em Aracaju, sozinha, com minha mãe, nunca tinha saído da barra da saia dela. Quando me casei e meu marido disse que a gente vinha para Brasília, tive muito medo e até vontade de desistir de seguir com ele", recorda.

Acampamentos

Na época da chegada, em 1965, foi morar em Sobradinho. Cinco anos depois, acompanhada do marido Jocelino Andrade, atualmente aposentado, que trabalhava como operador de máquina, e com quatro filhos ainda pequenos a tiracolo, ocupou um dos acampamentos da cidade, próximo à Caixa

d'Água, até conseguir a posse do lote onde mora atualmente. "A gente se instalou num barraco de madeira, um negócio totalmente improvisado. Mas valeu a pena", diz, a nordestina.

Por coincidência, ou não, foi no terreno onde está a casa de Donana que os pioneiros cariocas – os primeiros a chegarem à cidade – fundaram a primeira quadra da Associação Recreativa Cultural Amigos do Cruzeiro (Aruc). "O samba brasileiro

nasceu no meu quintal", diz orgulhosa.

Como boa nordestina, seu negócio não é exatamente samba, que aprecia, mas não professa com a devoção dos cariocas. Já esteve na Aruc algumas vezes, mas jamais participou de desfiles nem se deslocou para ver a escola cruzar a avenida durante o Carnaval. "Acho bonito, mas não é minha praia", diz Donana, que gosta mesmo é de bailes regados a forró, boleros, valsas.

Donana, por sinal, ficou conhecida na cidade pela disposição de organizar festas e inventar situações que reunissem a comunidade. Na década de 80, era a responsável pela organização das quadrilhas e festas juninas que reuniam velhos, adultos, jovens, meninos. "Gato e sapato", brinca. Também foi ela quem sugeriu a criação de times e campeonatos de futebol, que agitavam todos os cruzeirenses, fossem homens, fossem mulheres. "Eu mesma era goleira", diverte-se.

A carreira esportiva de Donana acabou, devido a um episódio que até hoje arranca risadas, mas que na época lhe pregou um baita susto. "Um dia, estávamos jogando, e um menino ficou andando de cavalo perto do campo. Ele perdeu o controle e o animal veio para cima de mim, quase me mata", lembra. A partir daí, o marido pediu que ela botasse um ponto final nas partidas. Assustada, Donana aceitou. E encerrou a carreira futebolística.

Os torcedores cruzeirenses perderam uma goleira, mas a partir daí se iniciaria uma nova fase na vida da dona-de-casa. Ela começou a frequentar as reuniões do Centro de Convivência do Idoso, mais conhecido como Clube da Terceira Idade, que atualmente são responsáveis por seus olhos brilharem de alegria. "Lá a gente joga, dança, faz cursos, reaprende a viver", conta a dona-de-casa, que começou a participar do clube quando tinha 45 anos. E que nas quase duas décadas de convivência com o grupo conquistou amigos e três títulos que são motivo de orgulho pessoal: foi duas vezes Princesa e uma vez Rainha da Terceira Idade do Cruzeiro. "O último título foi em 2002, mas hoje fico meio sem jeito de desfilar, pois tenho me sentido meio caída", reclama.

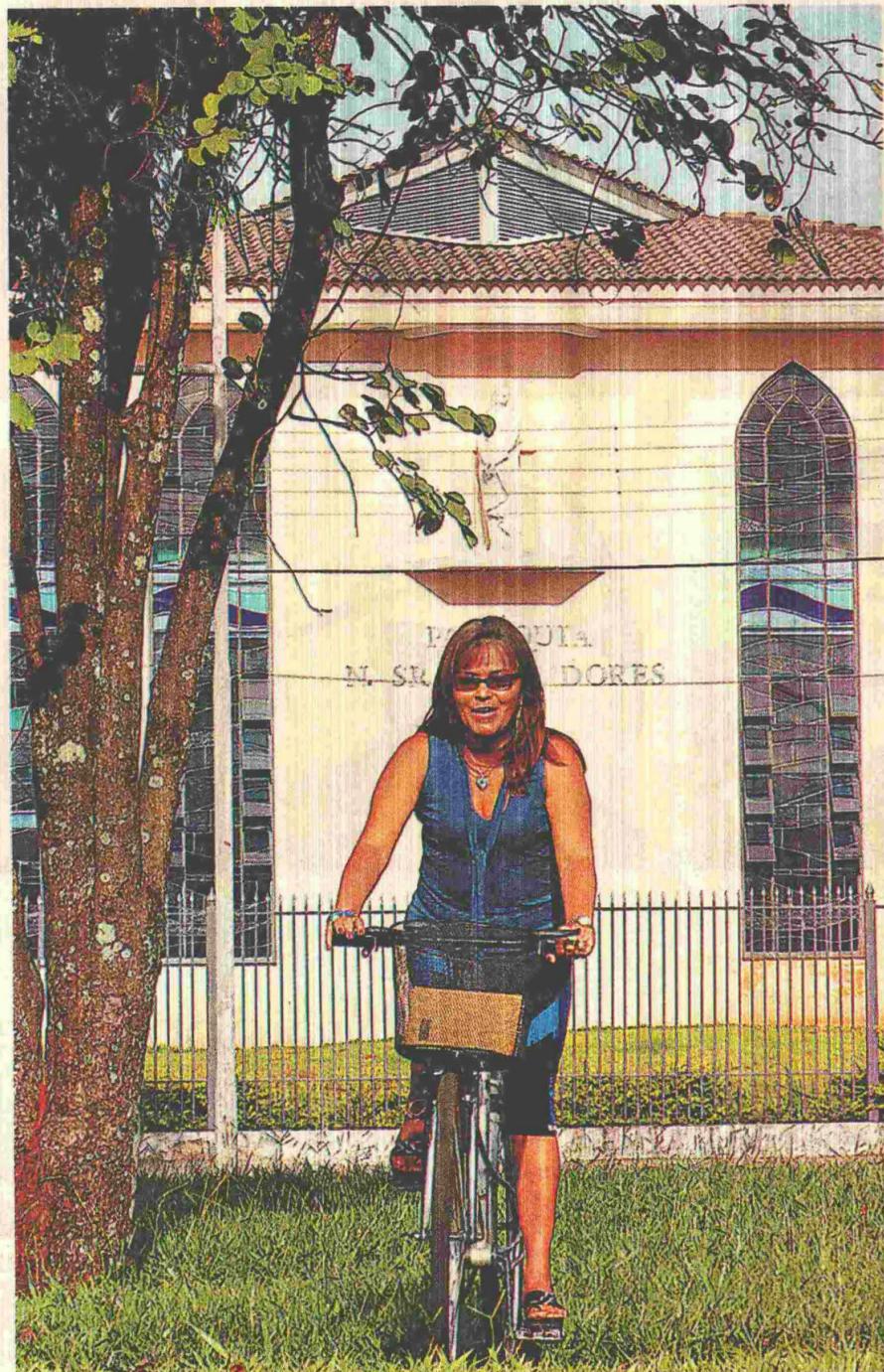
"Enxutíssima"

Bonitona, bem-conservada, gosta de usar roupas de cotton lycra, ideais para a prática de exercícios físicos. Sua boa forma e alegria causam frisson entre os marmanjos das quadras vizinhas e distantes, que a consideram um "tipão". "Ela é uma mulher muito séria, mas a gente não pode deixar de observar que é uma coroa enxutíssima", derrete-se um fã que mora a alguns metros da sua casa, e que por motivos óbvios, não quer ser identificado.

A boa forma deve-se a uma vida saudável e à prática constante de exercícios. É sempre vista de bicicleta pelas ruas do Cruzeiro, freqüentando aulas de dança do ventre e é aluna de uma academia de musculação. Até poucos meses, também participava das aulas de ginástica oferecidas pela Aruc, mas desistiu. O motivo? "Eram muito devagar, gosto de atividades mais pesadas e estimulantes", diz.

Além de gostar de malhação pesada, Donana também adora ir ao mercado do Cruzeiro, seja para fazer compras para a casa, seja para reencontrar amigos. Outro point que adora visitar é o Cruzeiro Center, onde faz compras e passeia com as amigas. Mas reclama da falta de opções de comércio na cidade. "Quase não temos lojas. Isso é uma falha do Cruzeiro", diz.

Nos finais de semana, nunca deixa de agradecer a tudo que Deus lhe proporcionou de bom na vida, assistindo às missas na Paróquia Nossa Senhora das Dores. Mas o local mais certo para encontrá-la é mesmo o quintal de sua casa, sempre repleto de filhos, netos, bisnetos e vizinhos. "É quase impossível ficar sozinha, tem sempre alguém fazendo barulho e festa", diz.



Do alto de seus 62 anos, Donana pedala pelas ruas do Cruzeiro, faz academia e dança do ventre. Desde os 45 participa dos encontros do grupo de terceira idade do bairro: "Tem sempre alguém fazendo festa"